

APROPRIAÇÃO DO DISCURSO SOBRE OS CONCEITOS TEÓRICOS NA ESCRITA DE DISSERTAÇÕES: UM PROCESSO DIALÓGICO

Elza Maria Silva de Araújo ALVES⁵

Sulemi Fabiano CAMPOS⁶

Resumo: O presente artigo analisa marcas linguísticas de apropriação do discurso do outro mobilizado sobre os conceitos de variação e de mudança na escrita de quatro dissertações de mestrado selecionadas do portal domínio público – CAPES e defendidas nos anos de 1979, 1989, 2000 e 2011. Tomamos como base a heterogeneidade enunciativa do dizer, proposta por Authier-Revuz (1998, 2004), no que se refere ao princípio do dialogismo e o conceito de *ethos* apresentado por Maingueneau (2011). Os resultados apontam que a apropriação do discurso é revelada por meio de vozes que apareceram marcadas ou não marcadas na escrita dos pesquisadores.

Palavras-chave: Apropriação de conceitos. Dialogismo. Escrita.

Abstract: *This article analyses linguistic marks of appropriation of the discourse of the other mobilized on the concepts of variation and change in the writing of four dissertations selected from CAPES portal and defended in the years 1979, 1989, 2000 and 2011. We take as the basis the enunciative heterogeneity of the saying proposed by Authier-Revuz (1998, 2004) in relation to the principle of dialogism and the concept presented by Ethos Maingueneau (2011). The results indicate that the appropriation of the discourse has been revealed through voices that appeared marked or not marked in the writing of the researchers.*

Keywords: *Appropriation of concepts. Dialogism. Writing.*

⁵ Mestre em Estudos da Linguagem - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - PPgEL/UFRN, integrante do Grupo de Estudo do Texto e do Discurso – GETED. Professora da Rede Municipal de Ensino de Natal/RN. elza.alves29@yahoo.com.br

⁶ Professora Doutora do Departamento de Letras e do PPgEL/UFRN. Líder do GETED e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise – GEPPEP/FEUSP. sulemifabiano@yahoo.com.br

Introdução

Este artigo investiga a produção escrita no ensino superior, mais especificamente a apropriação do discurso do outro na escrita de dissertações de mestrado. Partimos do pressuposto de que o discurso sobre os conceitos de variação e de mudança é apropriado pelo pesquisador por um processo dialógico, um processo de interação, no qual se inclui a formação discursiva em que as palavras estão inseridas.

Para desenvolvermos nosso estudo, tomamos como base os pressupostos teóricos de Authier-Revuz (1998, 2004) no que confere heterogeneidade enunciativa do dizer, a partir do princípio do dialogismo, o diálogo entre os interlocutores e os discursos, denominados pela autora de interação e discursividade, como também o conceito de *ethos* apresentado por Maingueneau (2011) para explicar que na interação entre as vozes presentes no texto, o enunciador, ao proferir o discurso, assume um papel que na materialidade linguística pode aparecer mostrado ou não.

Nesse sentido, objetivamos investigar marcas de apropriação do discurso do outro (o teórico) na escrita do pesquisador e o posicionamento que ele assume ao proferir um discurso.

Escolhemos, para o estudo, o discurso sobre os conceitos de variação e de mudança, não de forma aleatória, uma vez que elencamos três motivos: primeiro, porque nossa pesquisa busca a maior aproximação possível com a linguística; segundo, porque temos afinidade com a sociolinguística; e terceiro, porque manter a mesma teoria (a sociolinguística) favorece analisar, de forma mais clara, a articulação linguística entre a voz do pesquisador e os diferentes discursos que circulam sobre esses conceitos.

Os dados analisados foram selecionados a partir de um levantamento de dissertações de mestrado produzidas em diferentes programas de pós-graduação do Brasil disponíveis no portal domínio público – CAPES. Para melhor organizar a análise dos dados, denominamos cada um dos trabalhos: TP1/1979 (Trabalho de Pesquisa Um/1979), TP2/1989 (Trabalho de Pesquisa Dois/1989), TP3/2000 (Trabalho de Pesquisa Três/2000) e TP4 (Trabalho de Pesquisa Quatro/2011).

Apropriação como processo dialógico

A apropriação dos conceitos de variação e de mudança como processo dialógico está centrada no estudo da heterogeneidade mostrada – marcada e não marcada –, com a qual Authier-Revuz (2004) explica o lugar que o autor confere ao discurso.

O presente artigo tem como princípio a concepção de diálogo entre os interlocutores e entre os discursos. O discurso não é um ato individual, uma vez que há nele a ressonância de vozes, as vozes do eu e do outro, o que leva a crer que toda palavra é habitada pelo “já dito”. Ou seja, o discurso se constrói pelo atravessamento de outros discursos. Vejamos o que afirma Authier-Revuz (2004, p.42):

Assim como a orientação através do meio “exterior” dos outros discursos é um processo *constitutivo* do discurso, a orientação para um destinatário se marca no tecido do discurso que está sendo produzido. O outro é, para o locutor, de qualquer modo, aprendido como discurso; mais precisamente, a compreensão é concebida não como “decodificadora”, mas como um fenômeno ativo, especificamente dialógico de “resposta”, por um “contra discurso”. Isso quer dizer que todo discurso é compreendido nos termos do diálogo interno que se instaura entre esse discurso e aquele próprio ao receptor; o interlocutor compreende o discurso através do seu próprio discurso. *Visando a compreensão* de seu interlocutor, o locutor integra, pois, na produção de seu discurso, uma imagem do “outro discurso”, aquele que ele empresta a seu interlocutor.

Podemos estabelecer uma relação entre as ideias da autora e o que denominamos de “apropriação” dos conceitos de variação e de mudança como processo dialógico, uma vez que, quando se escreve, escreve-se dialogando com o texto, com o enunciado proferido, escreve-se para responder ao um interlocutor. Dialoga-se com o dito para que haja compreensão, convergindo para a apropriação dos conceitos. Para se apropriar, é necessário que o sujeito tome para si o dizer do outro e escreva não apenas traduzindo palavras, mas também usando as palavras como se fossem dele mesmo. Usando as palavras de Authier-Revuz (2004), diríamos que o autor integra em seu discurso a imagem do discurso do outro.

A forma da heterogeneidade enunciativa remete a não coincidência do discurso com ele mesmo, que consiste na insistência de um acompanhamento metaenunciativo (comentário sobre o enunciado) parando nas *palavras alheias*. De acordo com Authier-Revuz (2011, p.651),

Os laços metaenunciativos que dizem da presença de uma voz outra abrem – através da representação local que lhes dão – a não-coincidência radical do

discurso consigo mesmo: atravessado de todo por vozes estrangeiras, que o alimentam e despossuem, o dizer não saberia fazer um, fechado sobre ele mesmo, e, sobre esta vertente do corpo discursivamente sedimentado da língua, a experiência da linguagem – igualmente profunda, mas não idêntica à falta de a nomear e, como ela, vivida de maneira radicalmente singular por cada sujeito falante – é aquela da sua alienação fundante: não ter palavras suas, mas falar com as palavras dos outros; não ter palavras próprias mas apenas palavras em comum – condição mesma disto que se chama língua.

Segundo a autora, o sujeito fala com as palavras do outro que comparece no discurso dialógico. No que diz respeito à escrita de que tratamos neste trabalho, diríamos que é uma escrita sobre outra escrita, pois é construída a partir do dizer do outro. O autor-pesquisador, no caso aqui tratado, toma para si o discurso mobilizado sobre os conceitos de variação e de mudança que servem de sustentação para seu dizer, para então comprovar a hipótese e formular seu posicionamento.

Nos excertos que seguem, analisamos as marcas linguísticas de apropriação do discurso mobilizado sobre os conceitos mencionados anteriormente. Tais excertos foram selecionados dos capítulos de introdução e de análise de dados dos quatro trabalhos: TP1-1979, TP2-1989, TP3-2000 e TP4-2011.

(1) TP1-1979 – *Os linguistas que se debruçavam sobre os documentos sardos antigos dos séculos XI, XXI, XIII e XIV afirmam que a língua sarda empregada em tais documentos é relativamente homogênea, [...] (p.36).*

(2) TP2-1989 – *Sendo que para SAVILLE-TROIKE, os sentimentos positivos do falante em relação ao seu grupo deveriam contribuir para a manutenção da língua e os negativos para a sua perda. Entretanto, as pessoas desta comunidade tinham esse sentimento positivo para com seu grupo e, apesar disso, a língua inglesa estava sendo abandonada.*

(3) TP3-2000 – *Callou et alii, sugerem para o estudo da mudança em progresso um método fundamental, que seria a combinação de observações em tempo aparente e em tempo real, visto que a distribuição por faixa etária pode não apresentar mudança na comunidade, e sim constituir um padrão característico de gradação etária, que se repete a cada geração.*

(4) TP4-2011 – *Nos estudos funcionalistas sobre gramaticalização, reavivados nas décadas de 80 e 90, autores como Lichtenberk (1991) retomam discussão sobre o problema da transição* (Weinreich, Labov & Herzog 1968) defendem a ideia de que o gradualismo é inerente aos fenômenos de gramaticalização estudados. Por ser um fenômeno contínuo, postula-se que a gramaticalização não seja um processo que possa vir a se extinguir.

Nos excertos dos trabalhos de pesquisa mostrados acima, observamos a apropriação do discurso mobilizado sobre os conceitos de *variação e de mudança* a partir da escrita dos pesquisadores. Tomemos primeiro o excerto (1) do TP1:

(1) *Os linguistas que se debruçavam sobre os documentos sardos antigos dos séculos XI, XII, XIII e XIV afirmam que a língua sarda empregada em tais documentos é relativamente homogênea, [...] (p.36).*

Percebemos a apropriação a partir do diálogo entre o discurso do teórico, que aparece de forma generalizada, com a expressão “os linguistas”, e o discurso do pesquisador, que aponta para uma possível apropriação do discurso sobre os conceitos. O pesquisador toma para si o discurso do outro através do diálogo, e afirma:

“a língua sarda empregada em tais documentos é relativamente homogênea”.

Nesse movimento, há a apropriação do discurso do outro, dos linguistas, os quais não se podem identificar, no excerto, mas se pode inferir que houve um diálogo, ou seja, o discurso do pesquisador aparece carregado de palavras que remetem ao discurso do outro.

Há também o mesmo processo de apropriação através do diálogo entre o dizer do pesquisador e o dizer do teórico nos excertos (2) do TP2-1989, (3) do TP3-2000 e (4) do TP4-2011. Apesar disso, todos convergem para o discurso do “já dito”, local onde acontece o diálogo entre as diversas vozes e, conseqüentemente, apropriação de conceito, a partir do diálogo entre os dizeres.

Observemos, a seguir, o excerto (2) de TP2:

TP2-1989 – *Sendo que, para SMITH e SAVILLE-TROIKE, os sentimentos positivos do falante em relação ao seu grupo deveriam contribuir para a manutenção da língua e os negativos para a sua perda.* Entretanto, as pessoas desta comunidade tinham esse sentimento positivo para com seu grupo e, apesar disso, a língua inglesa estava sendo abandonada.

Nesse excerto, há diálogo entre os discursos quando o pesquisador interage com o discurso do outro e escreve:

TP2-1989 – *Sendo que, para SMITH e SAVILLE-TROIKE, os sentimentos positivos do falante em relação ao seu grupo deveriam contribuir para a manutenção da língua e os negativos para a sua perda [...].*

O autor-pesquisador traduz o conceito dos teóricos Smith e Saville-Troike na parte seguinte, ou seja, em

TP2-1989 – *Entretanto, as pessoas desta comunidade tinham esse sentimento positivo para com seu grupo e, apesar disso, a língua inglesa estava sendo abandonada.*

constatamos que o pesquisador relaciona o discurso sobre os conceitos de sentimentos positivos e negativos para com o grupo com os resultados encontrados em seu trabalho. Nesse sentido, há uma remissão explícita a outro ato de enunciação, o dizer do teórico. O autor da pesquisa dialoga com a teoria, reflete e chega a uma conclusão contrária às informações dos teóricos, quando usa o modalizador autonímico “entretanto”, que introduz um enunciado de ideia contrária. Isso pode indicar que o pesquisador se apropriou do conceito e adotou um posicionamento baseado nos dados analisados. Vê-se aí o que Authier-Revuz considera não coincidência entre as palavras e as coisas, que representa uma enunciação entre o dizer e o não dizer; ou seja, X, não Y. X representado por

TP2-1989 – *Sendo que para SMITH e SAVILLE-TROIKE, os sentimentos positivos do falante em relação ao seu grupo... [...]*

e Y representado por:

TP2-1989 – *“apesar disso, a língua inglesa estava sendo abandonada”.*

Ainda nesse excerto, há o discurso sobre o discurso, já que o pesquisador organiza seu enunciado agrupando os conceitos dos teóricos Smith e Saville em uma só enunciação. No segundo excerto, o discurso é apropriado a partir de outro. Ou melhor, o pesquisador dialoga com o outro e interpreta o discurso deste, escreve o seu, toma as palavras do outro para si e conclui seu posicionamento. Agindo dessa forma, ele realiza o que Authier-Revuz (1998) denominou de não coincidência do discurso consigo mesmo. O discurso do pesquisador em

TP2-1989 – *apesar disso, a língua inglesa estava sendo abandonada*

não é coincidente com o do teórico, conforme o que postula a autora citada, que nenhum discurso é coincidente. Seria uma forma de heterogeneidade enunciativa na qual o discurso exterior é “apropriado” ao objeto do dizer. Ou melhor, na qual uma palavra “não de si” se impõe como palavra “disto do qual se fala”.

No excerto (2) de TP2:

TP2-1989 – *Sendo que para SMITH e SAVILLE-TROIKE, os sentimentos positivos do falante em relação ao seu grupo deveriam contribuir para a manutenção da língua e os negativos para a sua perda [...].*

Podemos observar o discurso do pesquisador constituindo-se a partir do discurso do teórico. O que vemos, de fato, é um diálogo que se remete a um discurso já existente, ao interdiscurso, pois, como afirma Pêcheux (2010, p.143), “*algo fala sempre antes, em outro lugar independentemente*”, isto é, *sob a dominação do complexo das formações ideológicas*. Assim, o interdiscurso envolve um já dito, que, por sua vez, faz parte de toda uma formação discursiva. Na verdade, envolve, mesmo no interior de um discurso, elementos pertencentes a outros discursos, ou seja, advindos de outros lugares, englobando um exterior e um interior.

No interdiscurso, de acordo com Pêcheux (2010), tem-se o efeito de *encadeamento do pré-construído* e o efeito de *articulação*.

Observamos o discurso do teórico sendo escrito pelo pesquisador. Isso aponta para o interdiscurso, uma vez que, para escrever o enunciado, houve primeiro o diálogo interior entre as vozes do teórico e do pesquisador. Há, nessa instância, dois efeitos postulados por Pêcheux

(2010): o *pré-construído*, que corresponde ao já dito, ao discurso já proferido, e a articulação, que corresponde à relação do sujeito com o sentido desse discurso.

Essa mistura de vozes, de discursos, de escrita, heterogeneamente, conforme Faraco (2005), contribui para a concepção de que a linguagem é “concebida como heteroglossia, como um conjunto de formações verbo-axiológicas” (idem. p.40). Dessa maneira, ainda de acordo com Faraco, no ato da criação há um constante deslocamento envolvendo as línguas sociais, pelo qual “o escritor (que é aquele que tem o dom da fala refratada) direciona todas as palavras para vozes alheias e entrega a construção do todo artístico a certa voz” (p.40). Assim, o discurso do autor-criador não é a voz direta do escritor, mas um ato de apropriação de voz refratada, isto é, de uma voz social qualquer, no caso em análise a voz do teórico, a voz do outro, que é reconhecida no excerto de TP2-1989.

Para Bakhtin (1995), a linguagem tem, necessariamente, que ser deslocada; caso contrário, não é esteticamente criativa.

Vejamos o excerto número (3) de TP3:

TP3-2000 – *Callou et alii, sugerem para o estudo da mudança em progresso um método fundamental*, que seria a combinação de observações em tempo aparente e em tempo real, visto que a distribuição por faixa etária pode não apresentar mudança na comunidade, e sim constituir um padrão característico de gradação etária, que se repete a cada geração.

Nesse fragmento do TP3, observamos que a apropriação do discurso teórico se faz também de forma dialógica. Primeiro, tem-se a voz do pesquisador em:

TP3-2000: *Callou et alii sugerem para o estudo da mudança em progresso um método fundamental. [...]*

e, na segundo parte:

TP3-2000 – *que seria a combinação de observações em tempo aparente e em tempo real, visto que a distribuição por faixa etária pode não apresentar mudança na comunidade, e sim constituir um padrão característico de gradação etária, que se repete a cada geração.*

Apresenta-se o discurso dos teóricos *Callou et alli*, escrito a partir de uma interpretação do enunciador. Não são propriamente as palavras do teórico que aparecem, mas suas palavras a partir da compreensão e do entendimento do enunciador. Isso mostra o pesquisador apropriando-se do discurso do outro. Sobre essa ocorrência, Authier-Revuz (1998) afirma que todo discurso se dirige a outros discursos, configurando-se como seu exterior constitutivo.

Nos excertos (1) do TP1-1979, (2) do TP2-1989, (3) do TP3-2000 e (4) do TP4-2011, percebemos que a apropriação do discurso e da escrita é realizada de forma dialógica, pois a autoria se materializa a partir da alteridade, da divisão entre os discursos, da interação entre os discursos, que pode aparecer de forma mostrada ou não mostrada.

Vejamos como isso se configura em cada excerto:

(1) TP1-1979 – Os linguistas que se debruçavam sobre os documentos sardos antigos dos séculos XI, XII, XIII e XIV *afirmam que a língua sarda empregada em tais documentos é relativamente homogênea, [...](p.36).*

(2) TP2-1989 – Sendo que para SAVILLE-TROIKE, os sentimentos positivos do falante em relação ao seu grupo deveriam contribuir para a manutenção da língua e os negativos *para a sua perda. Entretanto, as pessoas desta comunidade tinham esse sentimento positivo para com seu grupo e, apesar disso, a língua inglesa estava sendo abandonada.*

(3) TP3-2000 – Callou *et alii* sugerem para o estudo da mudança em progresso um método fundamental, que seria a combinação de observações em tempo aparente e em tempo real, visto que a distribuição ou faixa etária pode não apresentar mudança na comunidade, e sim constituir um padrão característico de gradação etária, que se repete a cada geração.

(5) TP4-2011 – O conceito de variação nos assegura que as ocorrências reportam ao fenômeno no qual uma língua, nas práticas interlocutivas, modifica-se numa dada época, lugar ou grupo social, resultando em um objeto cuja singularidade é ser variável, foco principal da Sociolinguística.

Destacamos, nos excertos dos trabalhos de pesquisas acima, a parte que mostra a interação entre os discursos do pesquisador e do teórico, a relação que se faz com o discurso que serve de base para o que se quer produzir. No instante em que se trazem para o trabalho científico outras vozes sociais, há a efetivação do dizer. Isso pode ocorrer de forma mostrada ou não mostrada. No excerto (3), do TP3-2000 e no (5), do TP4-2011, as vozes dos teóricos aparecem de forma não mostrada.

No excerto (5) de TP4-2011:

TP4-2011: *O conceito de variação nos assegura que as ocorrências reportam ao fenômeno no qual uma língua, nas práticas interlocutivas, modifica-se numa dada época, lugar ou grupo social, resultando em um objeto cuja singularidade é ser variável, foco principal da Sociolinguística, a apropriação de conceito é realizada de forma não mostrada, uma vez que não há a remissão ao teórico de forma explícita.*

O autor-pesquisador retoma o discurso mobilizado sobre o conceito de variação sem fazer remissão ao teórico em que se baseou. Mesmo não citando nenhum autor nesse excerto, o pesquisador estabelece um diálogo com as leituras anteriores à pesquisa, como seu próprio dizer anterior, bem como promove uma reflexão sobre o conceito. Vejamos:

TP4-2011: *nas práticas interlocutivas, modifica-se numa dada época, lugar ou grupo social, resultando em um objeto cuja singularidade é ser variável, foco principal da Sociolinguística.*

Tal construção possibilita que o autor-pesquisador misture a sua voz com as vozes de outros (teóricos). Ele interpreta um dizer e o toma como seu. Desse modo, mobiliza o discurso sobre o conceito de variação na escrita do trabalho de pesquisa através da interpretação da teoria.

TP4-2011: *resultando em um objeto cuja singularidade é ser variável, foco principal da Sociolinguística.*

Tomando-se por base a análise dos excertos acima, é possível perceber, de acordo com a visão de Authier-Revuz (2004), que o ato discursivo tem importância fundamental, porque é

por meio dele que o locutor dá sentido ao que escreve, através de uma conversa com o discurso do outro.

Dessa maneira, a escrita de um conceito, vista como espaço de interação verbal, não tem sentido acabado, uma vez que é no processo de intercâmbio que se dão as relações dialógicas, nas quais ocorre a “leitura plural”, isto é, a possibilidade de se fazer em várias leituras. Assim, podemos considerar que a mensagem se forma no processo de comunicação e é construída através de pontos ideológicos.

Nessa perspectiva, o sujeito não é “senhor” dos domínios de seu sentido, não é a fonte de seu dizer, mas efeito das condições que o determinam. Relacionando essa afirmação com o processo de apropriação dialógica, defendido e analisado neste estudo, nota-se que, ao se apropriar de conceitos teóricos, o pesquisador interage com o discurso do outro e elabora sua escrita com traços de um dizer que no princípio não lhe pertencia. A partir do momento em que há o processo dialógico, o discurso reproduzido é apropriado por aquele que escreve, o qual se serve de um dizer exterior para dar validade e credibilidade àquilo que está proferindo.

Na análise dos excertos, observamos que há uma remissão ao discurso do outro na escrita dos trabalhos abordados neste espaço, pois foram proferidos no campo do *já dito*. São discursos que os autores escreveram a partir de um campo histórico e social, e de uma filiação teórica, nos quais as palavras estão inseridas e estas por sua vez se encontram na ordem da representação. Temos, assim, a apropriação dos conceitos realizada por meio do diálogo entre os discursos, o que é demonstrado através das vozes que aparecem na escrita dos trabalhos.

Na interação entre essas vozes presentes no texto, o enunciador, ao proferir o discurso, assume uma personalidade, isto é, deixa marcas no texto que mostram a maneira de dizer do enunciador. Tomamos o conceito de *Ethos*, apresentado por Maingueneau (2011), para explicitar essa forma de enunciar. Segundo Maingueneau, o texto escrito possui, mesmo quando o autor denega o discurso do outro, o tom que dá autoridade ao que é dito. “Esse tom permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador” (e não do corpo do autor efetivo). “A leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito” (*idem*, p.98).

No excerto (1) do TP1-1979, no (2) do TP2-1989, no (3) do TP3-2000 e no (5) do TP4-2011, observamos que o papel dos autores no processo de enunciação se faz através de um conceito já estudado por outros autores, que, às vezes, aparece de forma explícita e, outras de forma implícita. Vejamos:

(1) TP1-1979 – Os linguistas que se debruçavam nos documentos sardos antigos dos séculos XI, XII, XIII e XIV *afirmam que a língua* sarda empregada em tais documentos é relativamente homogênea [...] (p.36).

Nesse excerto, percebemos que a voz do teórico é apresentada de forma genérica, por meio da expressão “os linguistas”.

(2) TP2-1989 – Sendo que *para SAVILLE-TROIKE*, os sentimentos positivos do falante em relação ao seu grupo deveriam contribuir para a manutenção da língua e os negativos para a sua perda.

No TP2-1989, a remissão ao discurso do outro é feita pelas expressões marcadas no excerto acima.

(3) TP3-2000 - *Callou et alii*, sugerem para o estudo da mudança em progresso um método fundamental, que seria a combinação de observações em tempo aparente e em tempo real, visto que a distribuição por faixa etária pode não apresentar mudança na comunidade, e sim constituir um padrão característico de gradação etária, que se repete a cada geração.

No TP3, tem-se a remissão aos teóricos *Callou et alii*.

(5) TP4-2011 – O conceito de variação nos assegura que as ocorrências reportam ao fenômeno no qual uma língua, nas práticas interlocutivas, modifica-se numa dada época, lugar ou grupo social, resultando em um objeto cuja singularidade é ser variável, foco principal da Sociolinguística.

No TP4-2011, não há remissão às vozes dos teóricos que postularam o conceito. O pesquisador interpreta o discurso do teórico, toma-o para si, no sentido de apropriação, empregado neste estudo, e escreve dando a ver em sua escrita a escrita do outro.

Assim, nos fragmentos dos excertos mostrados acima, encontramos exemplos de discursos sustentados pela voz do fiador no TP1-1979, no TP2-1989 e no TP3-2000. Nesses excertos, intuímos que a sustentação do dizer é realizada por intermédio dos nomes dos teóricos no TP2, com Seville-Troike, e no TP3, com Calou *et alii*. No TP1, o dizer do teórico

é revelado pela expressão “linguistas” e dá um tom de autoridade ao que foi dito; no TP4, o dito se apresenta de forma não mostrada.

De acordo com Maingueneau (2011), o papel do fiador, no discurso, é construído pelo leitor, através de indícios textuais de diversas ordens, podendo ser atribuídos ao discurso um *caráter* e uma *corporalidade*, dependendo do texto. O caráter diz respeito aos aspectos psicológicos, e a corporalidade corresponde à constituição corporal. Essas formas de representação do fiador provêm de um conjunto de representações sociais, valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apoia a enunciação. O sentido do discurso tanto pode ser propiciado pelo *ethos* como pelas “ideias” que transmite, as quais se apresentam por intermédio de *uma maneira de dizer* que remete a *uma maneira de ser*, à participação imaginária em uma experiência vivida. A qualidade do *ethos* está condicionada ao efeito da imagem que é dada pelo “fiador” no contexto, e este lhe confere uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu discurso.

Nesse âmbito, remetendo aos pressupostos de Authier-Revuz (1998), em relação à heterogeneidade constitutiva, temos, nos excertos de TP1, TP2, e TP3, exemplos de discurso constituindo-se de apropriação em construção e, no TP4, os excertos apontam para uma possível apropriação.

Desse modo, a apropriação do discurso, nos excertos analisados no presente estudo, está associada a uma escrita inicial, pela qual se realiza, mas sabendo-se que a enunciação não deve ficar só nesse espaço de negociação discursiva.

Authier-Revuz (2004) afirma que o discurso, seja ele falado ou escrito, deve abandonar um domínio homogêneo e fechado, no qual a descrição é da ordem do repetível, do “UM”, por um campo duplamente marcado pelo “NÃO UM”, pela heterogeneidade teórica que atravessa a língua, articulando-se ao sujeito e “ao mundo”, e pelo caráter “não repetível” da compreensão que dele se pode ter, inevitavelmente afetado pela subjetividade e pela incompletude.

Considerações

Percebemos, por meio das marcas na escrita do TP1-1979, que o pesquisador tende a se apropriar do discurso sobre os conceitos de variação e de mudança de uma forma geral, uma vez que o diálogo entre ele e as vozes que aparecem no texto quase não é especificado.

No TP2-1989, o pesquisador dialogou e interpretou o discurso do outro, escreveu o seu tomando as palavras dos teóricos para si e concluiu seu posicionamento. Nesse sentido, o discurso do pesquisador aparece como não coincidente consigo mesmo. Tem-se, nesse caso, um exemplo de heterogeneidade enunciativa, na qual o discurso exterior é apropriado ao objeto do dizer.

No TP3-2000, inferimos, por meio da análise da materialidade linguística, que a apropriação do discurso sobre os conceitos apresentou-se a partir de uma compreensão e de um entendimento do enunciado; ou seja, o pesquisador dialogou com o discurso do teórico apropriando-se desse exterior constitutivo. O discurso aparece, embora interpretado, como não coincidente, mas carregado das palavras do outro. Na verdade, no discurso não houve o inesperado no acontecimento que envolve o discurso do pesquisador.

No TP4-2011, o diálogo foi realizado de forma não mostrada. O autor-pesquisador retomou os conceitos de variação e de mudança sem fazer remissão aos teóricos de forma explícita. Mesmo assim, pudemos perceber que ele dialogou com suas leituras prévias. Tomando o conceito de Pêcheux (2010) sobre interdiscurso como referência, afirmamos que o pesquisador dialogou com a formação discursiva, para, então formular seu discurso. É importante ressaltar que é na formação discursiva que se colocam em jogo vários discursos.

Dessa forma, não é possível, pois, definir um dos discursos sem remeter ao outro, o que faz com que o discurso se instaure numa perspectiva plurivalente de sentidos e de trocas. E, no dizer de Authier-Revuz (2004), é no ato discursivo que o locutor dá sentido ao que escreve, por meio do diálogo com o discurso do outro, um outro que não se refere apenas a uma outra voz, mas a um conjunto de fatores exteriores ao enunciatador, mas que estão presentes no ato de sua enunciação.

A apropriação dialógica se apresentou de forma marcada e de forma não marcada na escrita desses trabalhos. Os pesquisadores escreveram a partir do campo histórico e social e de formação discursiva, no qual as palavras estão inseridas. A apropriação do discurso sobre os conceitos de variação e de mudança nessas pesquisas ocorrem, através do diálogo entre os

dizeres revelados por meio das vozes, que apareceram marcadas ou não marcadas, na escrita dos pesquisadores.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. A. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. **Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. Paradas sobre Palavras: a língua em prova na enunciação e na escrita. **Educ. Real**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p.651-679, set/dez. 2011. Disponível em http://www.ufrgs.br/edu_realidade Acesso em: 18 ago. 2012.

BAGNO, Marcos. **Língua moderna: letramento, variação & ensino**. São Paulo: Parábola, 2001.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Mussite, 1995.

BRAIT, B. **Bakhtin – outros conceitos chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. de Marcos Marcionilo. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de comunicação**. Tradução de Cecília P.de Souza - e - Silva, Décio Rocha. – 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Novas Tendências em Análises do Discurso**. Tradução de Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3. ed. 1997.

PÊCHEX, Michel. **Semântica do Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. – 4. ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

RODRIGUES, S.G.C. **Questões de Dialogismo: o discurso científico, o eu e os outros**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

TEIXEIRA, Marlene. **Análise do discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso**. 2. ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

www.dominiopublico.gov.br/ Acesso em: mar. 2011.